

Expressando quantidade através dos gestos: uma análise multimodal das construções *um monte de* *SN* e *um leque de SN*

Expressing Quantity through Gesture:

*A Multimodal Analysis of the Constructions *um monte de NP* and *um leque de NP**

Gleyson Ribeiro Soares (Faperj / UFRJ)¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro (capital), Rio de Janeiro, Brasil

Karen Sampaio Braga Alonso (CNPq/ FAPERJ / UFRJ)²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro (capital), Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar as construções quantificadoras binominais de grande quantidade do português brasileiro, especificamente *um monte de SN* e *um leque de SN*, à luz da Gramática de Construções Multimodal. Partindo da premissa de que a comunicação é multimodal (Müller et al., 2013), analisa-se a articulação entre expressão verbal e gestual, especialmente a manifestação gestual da metáfora conceptual MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980) e AMPLITUDE É ABERTURA LATERAL. O estudo descreve as propriedades formais e semânticas dessas construções e discute seu potencial expressivo, associado a processos de expansão semântica. Os resultados quali-quantitativos indicam que construções mais transparentes motivam gestos mais icônicos, enquanto construções mais opacas geram gestos mais esquemáticos, evidenciando a natureza gradiente da integração verbo-gestual. O trabalho contribui para o desenvolvimento da perspectiva multimodal na Gramática de Construções e para a compreensão dos quantificadores indefinidos de grande quantidade no português brasileiro.

Palavra-chave: Quantificadores. Gramática de Construções Multimodal. Gestos.

Abstract: This study aims to investigate binominal quantifier constructions expressing large quantity in Brazilian Portuguese, specifically *um monte de NP* and *um leque de NP*, through the lens of Multimodal Construction Grammar. Drawing on the premise that communication is inherently multimodal (Müller et al., 2013), the analysis focuses on the interplay between verbal expression and gesture, particularly the gestural manifestation of the conceptual metaphors MORE IS UP (Lakoff e Johnson, 1980) and BREADTH IS LATERAL OPENING. The study describes the formal and semantic properties of these constructions and discusses their expressive potential, which is tied to processes of semantic expansion. Quali-quantitative results indicate that more transparent constructions motivate more iconic gestures, whereas more opaque

¹Gleyson Ribeiro Soares é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciado em Letras: português-inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista do projeto: Mestrado Nota 10, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Atua na área da Gramática de Construções Baseada no Uso e Multimodalidade. E-mail: gleyson.ribeirosoares@letras.ufrj.br

²Karen Sampaio Braga Alonso é mestre e doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ). É Professora Associada III do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. É docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), todos da UFRJ. Bolsista de Produtividade do CNPq e recebe Auxílio à Pesquisa - APQ1, da FAPERJ. Atua na área da Gramática de Construções Baseada no Uso e é coautora do livro “Conhecimento em rede: laços e entrelaçamentos da língua em uso”. E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br

constructions elicit more schematic gestures, revealing the gradient nature of verb–gesture integration. The work contributes both to the development of the emerging multimodal perspective within Construction Grammar and to a deeper understanding of large-quantity indefinite quantifiers in Brazilian Portuguese.

Keywords: Quantifiers. Multimodal Construction Grammar. Gestures

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar construções quantificadoras binominais de grande quantidade do português brasileiro, a partir da perspectiva da Gramática de Construções Multimodal. Mais especificamente, tomamos como foco de análise as construções *um monte de SN* (a exemplo de um monte de gente) e *um leque de SN* (tal como se vê em um leque de possibilidades) e buscamos expandir os estudos feitos até o momento sobre elas, a partir da incorporação da perspectiva multimodal. Tendo isso em vista, este artigo pretende oferecer uma contribuição para uma agenda de pesquisa recente desdobrada da Gramática de Construções, bem como enriquecer os estudos acerca de quantificadores indefinidos de grande quantidade.

As construções quantificadoras binominais selecionadas para o presente estudo caracterizam-se semanticamente por se associarem à ideia de grande quantidade e formalmente por se construírem a partir da estrutura [SN1 de SN2]. Sua forma, portanto, se organiza por uma sequência de um primeiro nome [SN1], que recruta um referente que funciona como base da quantificação, pela preposição *de* e por um segundo nome, preenchido pelo referente quantificado [SN2]. Uma outra propriedade típica dessas construções corresponde ao fato de que o [SN1] é instanciado por um referente não classicamente tomado como quantificador, mas que é recrutado por essa construção como base da quantificação (por exemplo, *monte, enxurrada, leque*).

Nesse sentido, de acordo com Verveckken e Delbecque (2018, *apud* Fumaux, 2022, p. 15), os nomes utilizados para ocupar a posição de quantificador são nomes que expandem seus significados além do léxico, ou seja, assumem outros sentidos que inicialmente não estavam disponíveis e, conseqüentemente, passam a figurar em novos contextos de uso.

Para esta pesquisa, tomamos por base a proposta de Müller et al. (2013), que assume que a comunicação humana é uma atividade fundamentalmente multimodal, na qual a linguagem verbal e as ações corporais, como os gestos, movimentos dos olhos e até a postura, se integram para formar um sistema unificado da expressão do pensamento. Nesse sentido, a expressão do pensamento representaria as atividades sensório-motoras que orientam a cognição para as realizações corporais.

Os gestos, de acordo com Hostetter e Alibali (2004), expressam *conhecimentos*, porque o conhecimento está enraizado nas interações do corpo com o mundo. São, portanto, uma forma de tornar o pensamento concreto, ajudando a manter a imagística mental e a organizar as informações espaciais e motoras para a fala (Barsalou 1999, 2008). Desse modo, uma compreensão abrangente dos fenômenos linguísticos requer uma análise que abarque outros níveis de comunicação que não sejam puramente

verbais.

Na esteira desses estudos, pretendemos apresentar neste artigo uma proposta que conecta a produção verbal e os gestos que a acompanham, tratando de um pareamento multifacetado em que há a mescla de dois espaços mentais no que diz respeito à forma - a estrutura linguística e a corporificada - e à função - semântica, pragmática e discursivo-funcional (Hoffman, 2017).

Nosso objetivo é analisar a integração da expressão verbal das construções binominais quantificadoras *um monte de SN* e *um leque de SN* com a produção gestual em contextos concretos de uso da língua. De forma mais específica, busca-se examinar como a metáfora conceptual *MAIS É PRA CIMA* (Lakoff e Johnson, 1980) - segundo a qual a quantidade é representada metaforicamente por uma dimensão vertical ascendente - se manifesta nos gestos coocorrentes com a expressão oral.

Adicionalmente, cabe dizer que a escolha deste tipo de construção se justifica por sua natureza expressiva e subjetiva, o que a torna um terreno fértil para a coexpressão gestual. De acordo com Alonso (2010), Alonso; Leite de Oliveira e Fumaux (2024), Alonso e Fumaux (2019), Fumaux (2024), entre outros, construções quantificadoras binominais de grande quantidade se assemelham em termos do processo de multiplexização (cf. Talmy, 2006), mas também apresentam algumas diferenças. Por exemplo, *um monte de SN* apresenta uma frequência de uso muito maior do que *um leque de SN* e se combina com uma gama maior de tipos semânticos de lexemas. Ainda, a metáfora do *monte* está muito menos recuperável para os falantes do que a metáfora do *leque*, no sentido de *construir* a ideia de grande quantidade (ou mesmo volume) de algo.

2. AS CONSTRUÇÕES QUANTIFICADORAS E A MULTIMODALIDADE

Brodbeck (2010) explora a hipótese de que as construções *um monte de SN* e *uma chuva de SN* adquiriram seu sentido quantificador por meio de um processo de gramaticalização. Segundo a autora, o significado quantitativo emergiu através de um impulso metafórico que modificou a estrutura de *qualia* da unidade lexical *monte* e *chuva*. O termo *qualia*, no sentido de Pustejovsky (1995), adotado por Brodbeck, refere-se aos atributos essenciais que definem a natureza de uma entidade lexical e é organizado por quatro dimensões: a constituição (sobre o que é feito algo); a forma (a organização espacial); a função (o propósito); e a origem (o surgimento). No caso da palavra *monte* na construção quantificadora, seu domínio-fonte (a imagem mental associada à palavra) carrega o traço de verticalidade como manifestação de quantidade; no caso de *chuva*, a relação se faz pelo movimento para baixo.

De acordo com Brodbeck (2010), durante a gramaticalização, esse traço foi incorporado à mescla conceptual da construção: ao se afastar de usos qualitativos, a construção *um monte de N* manteve o esquema imagético de acumulação vertical, mas reinterpretando-o de forma abstrata. Enquanto isso, a construção *uma chuva de N* manteve o esquema imagético de movimento massivo. Dessa maneira, a estrutura de *qualia* de *monte* e *chuva* foi ressignificada para expressar uma grande quantidade indefinida, preservando apenas traços relevantes ao novo uso quantitativo. Nesse

sentido, as diferenças observadas pelas autoras refletem a forma como os falantes conceptualizam a metáfora e categorizam a quantificação com base em diferentes experiências.

Estudos como esses mostram a forma como conceptualizamos o mundo pode ser sinalizada por meio de construções gramaticais de natureza verbal. Este trabalho pretende avançar nesses estudos, ao preencher uma lacuna ainda não explorada para as construções binominais quantificadoras, qual seja, a análise de sua produção em uma perspectiva multimodal. Para ilustrar a nossa proposta, toma-se como ponto de partida a Imagem 1, a seguir:

Imagem 1. Palestra Ted X Talks – *Um leque de SN*



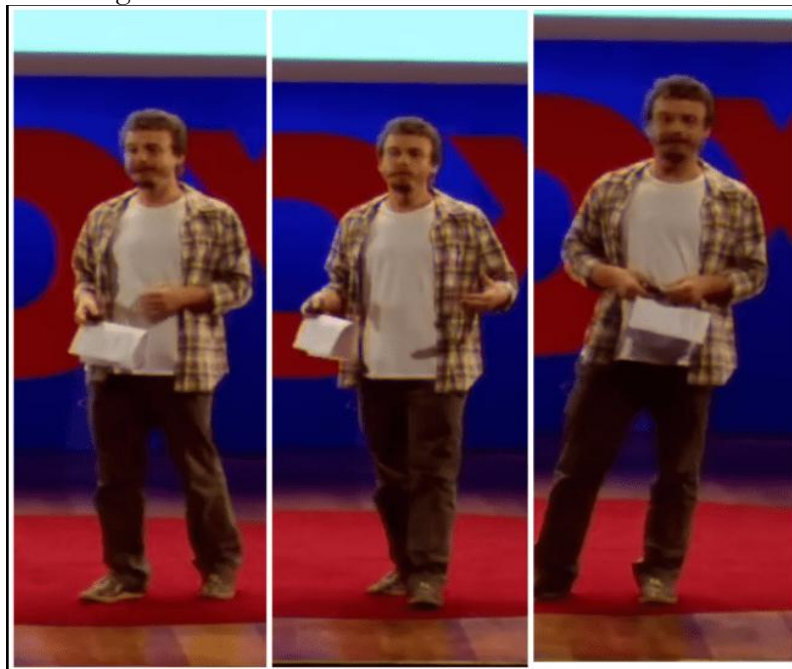
Fonte: Imagem extraída de Mindfulness: aprenda a ser generoso consigo mesmo | Natasha Bontempi | TEDxLaçador, Youtube, 2017, 4 minutos e 45 segundos. Edição nossa.

A imagem apresentada, que foi extraída da palestra de Natasha Bontempi, realizada no TEDxTalks, demonstra um exemplo da integração multimodal entre a fala e o gesto. Ao empregar a construção *um leque de SN* para quantificar o substantivo “comportamentos”, a palestrante produz um gesto icônico-metafórico sincronizado com a construção verbal. A unidade gestual inicia-se com a fase de preparação, na qual as mãos se unem no centro do espaço gestual. O pico (stroke) gestual é caracterizado por um movimento ascendente e bilateral, onde os braços, semiflexionados, expandem-se do centro para as extremidades laterais. Esse movimento gestual não é arbitrário; ele materializa a metáfora lexical “leque”. A trajetória pela qual o gesto ocorre mimetiza a ação de abrir um leque, ativando no receptor o esquema imagético correspondente. Dessa forma, o gesto funciona para ancorar conceitualmente a noção abstrata de “quantidade variada” presente na construção quantificadora em uma imagem concreta e

definida. A isomorfia entre a imagem apresentada pelo gesto e o objeto referenciado reforça cognitivamente o significado verbal, demonstrando a eficácia no pareamento entre a fala e o gesto.

Entretanto, em construções como *um monte de SN*, a representação metafórica entre o gesto e a construção aparenta não ser tão reforçada como ocorre em *um leque de SN*. Observando mídias em que a construção *um monte de SN* acontece com diferentes tipos de elementos quantificados, há uma inferência de que os gestos tendem a representar mais a quantidade, estando entre uma linha tênue entre um gesto icônico e pragmático. Observemos a seguinte imagem:

Imagem 2. Palestra TEDxTalks – *Um monte de recursos*



Fonte: Imagem extraída de TEDxSP 2009 - Denis Russo Burgierman, Youtube, 2019, 9 minutos e 35 segundos. Edição nossa.

Diferente do que foi observado em *um leque de SN*, o gesto analisado neste contexto apresenta um grau reduzido de expressividade e iconicidade. A unidade gestual inicia-se com um discreto levantamento de ambas as mãos, seguido por um movimento circular contido, executado de dentro para fora, que projeta as mãos levemente à frente. Em seguida, as mãos recuam encontrando-se no centro do espaço gestual. A trajetória configurada por esse movimento não estabelece uma correspondência imagética ou metafórica com o estado *qualia* associado ao conceito de monte, ou seja, o padrão gestual não constrói um mapeamento metafórico perceptível entre a forma do gesto e o conteúdo semântico da construção, evidenciando uma realização gestual de caráter mais pragmático e menos icônico.

Em um primeiro momento, ao analisar esses processos gestuais dos dois vídeos

de que foram retiradas as imagens, surge a seguinte questão: *esses gestos são motivados pela leitura metafórica da construção ou são apenas representações da fala?* Decorrente daí, colocamos uma questão central para esta pesquisa: *como os componentes verbais e gestuais se integram sistematicamente para formar uma construção binominal multimodal quantificadora?* Para tentar responder essa questão, partimos da hipótese de que quanto mais opaca estiver a metáfora subjacente na construção, mais padronizado tende a ser o gesto produzido. Em contraste, construções metaforicamente transparentes tendem a motivar gestos icônicos mais variados e expressivos.

Steen e Turner (2013) defendem uma expansão no estudo da comunicação humana, argumentando que a linguística tradicional, com seu foco quase exclusivo em dados textuais, ignora os outros meios de interação que compõem a experiência completa do falante. Quando nos comunicamos, integramos continuamente uma vasta gama de sinais - o olhar, o tom, os gestos e o ambiente ao redor - em uma experiência unificada. Em *Multimodal Construction Grammar* (Steen; Turner, 2013), os autores partem do conceito central de que as construções linguísticas - o pareamento de forma-sentido (Goldberg, 2006) - não se restringem ao verbal, o constructicon humano é multimodal, no qual gestos, imagens e sons, juntos, formam unidades simbólicas de significado.

Para os autores, a metáfora desempenha um papel fundamental na cognição e impacta a forma como interpretamos os gestos. Isso porque entendem que a metáfora é um processo mental complexo no qual integramos estruturas de diferentes espaços mentais para criar um novo espaço, no qual a mesclagem desses espaços mentais possui uma estrutura e um significado emergentes. Steen e Turner (2013) apresentam como exemplo a construção gramatical da língua inglesa “X is the Y of Z”³ (Steen e Turner, 2013, p.7).

Essa construção possui dois tipos de uso, aquele que podemos provisoriamente chamar de *literal* e o metafórico. No uso *literal* temos frases como “Paul is the father of Sally”⁴, em que a construção demonstra a relação de papéis familiares entre X e Z. Entretanto, na construção metafórica, temos usos como “Death is the Mother of beauty”⁵ em que a relação parentesco de mãe está sendo utilizada como a noção de origem, causa e/ou fonte com o conceito de beleza. Então há a transposição de relação de parentesco para a de origem, apesar da utilização da mesma estrutura sintagmática.

Steen e Turner argumentam que essa construção é extremamente produtiva para criar novas metáforas, mesmo com conceitos muito distintos como “The head of C.D.C told Congress MRSA is the cockroach of bacteria.”⁶ (Steen e Turner, 2013, p.8). Porém, o ponto central do argumento dos autores é que esse processo de mesclagem conceptual não é exclusivo da linguagem. Ele opera de forma idêntica em outras modalidades, principalmente quando lidamos com estímulos visuais, como, por exemplo, noticiários televisivos. Os autores trazem como exemplo o caso do terrorista norueguês Anders

³ Tradução nossa - “X é o Y de Z”.

⁴ Tradução nossa - “Paulo é o pai de Sally”.

⁵ Tradução Nossa - “A morte é a mãe da beleza”.

⁶ Tradução nossa - “O chefe do CDC disse ao Congresso que o MRSA é a barata das bactérias”.

Behrn Breivik. Quando Breivik explodiu um carro-bomba em frente aos órgãos governamentais em Oslo em 2011, vários canais de TV começaram a colocar de forma justaposta a imagem do rosto de Breivik com a de Timothy McVeigh, o terrorista de Oklahoma City. Essa montagem visual, segundo Steen e Turner (2013), não era literal, pois os dois nunca estiveram juntos, ela funcionava como uma metáfora visual que transmitia a construção “Breivik is the Timothy McVeigh of Norway”⁷. Essa metáfora visual forçava o espectador a mesclar os espaços mentais dos dois eventos, entendendo o ataque de Breivik nos termos do ataque de McVeigh. Dito isso, Steen e Turner (2013) tratam a metáfora como uma operação cognitiva fundamental de mesclagem conceptual em que ela pode ser acionada por construções linguísticas, imagens justapostas ou gestos performáticos.

Portanto, através da Gramática de Construções Multimodal, que se encontra na interface entre os estudos linguísticos multimodais e a Gramática de Construções, procuramos explicações para a estrutura da linguagem a partir do seu uso em contextos interacionais e de sua base na cognição e na experiência corporificada. Para tanto, investigaremos dados provenientes de *corpora* de vídeos de interações espontâneas - face a face e individual - do português brasileiro, realizando uma microanálise multimodal detalhada de cada ocorrência da construção alvo. Esperamos conseguir demonstrar como as construções quantificadoras se realizam na prática comunicativa com uma abordagem multimodal, na qual o gesto não é um mero adereço, mas um componente que participa ativamente da construção do significado quantificador.

3. A MULTIMODALIDADE ENCONTRA A LINGUÍSTICA BASEADA NO USO

Para dar conta do conceito de construção gramatical, temos como base a Linguística Baseada no Uso (LBU)⁸. A LBU sustenta que o uso constante da linguagem pelo falante tem um impacto crucial na gramática. Segundo essa perspectiva, a gramática se organiza em uma rede de construções gramaticais, em que as construções emergem das interações entre os falantes. De acordo com Cezario e Furtado (2013), o sistema linguístico é fruto da relação entre uso e capacidades cognitivas de domínio geral, ou seja, da forma como, por exemplo, categorizamos nossas experiências linguísticas. Sendo assim, entende-se que as mudanças linguísticas estão sujeitas ao modo como os falantes compreendem e produzem dados de língua. Nessa direção, Martelotta (2011) ressalta que

[a]s mudanças ocorridas com os elementos linguísticos envolvem não apenas uma inferência entre diferentes níveis estruturais da língua, como também uma relação com os contextos discursivo-pragmáticos em que os elementos envolvidos tendem a ser utilizados. (Martelotta, 2011, p.55-56)

⁷ Tradução nossa - “Breivik é o Timothy McVeigh da Noruega”.

⁸ Para saber mais, consultar Leite de Oliveira e Alonso (2024).

Ainda de acordo com Martelotta (2011), a base do conhecimento linguístico está na habilidade que o ser humano tem de categorizar o mundo e organizá-lo em diferentes domínios de conhecimento - através das suas semelhanças ou analogias. Nessa perspectiva, levamos em conta os aspectos que vão além das estruturas linguísticas formais e observamos de que maneira processos cognitivos estão envolvidos com a linguagem e como isso afeta a representação mental dos falantes. Para a LBU,

[...] o sistema tem um caráter eminentemente dinâmico ou emergente, já que nasce da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve a partir da repetição ou ritualização desses eventos. (Martelotta, 2011, p.57)

Portanto, levar em consideração os eventos de uso é entender que a língua é um sistema em constante adaptação impactado por fatores sociais, cognitivos e contextuais. Aliada a esses princípios, Goldberg (2006; 2019) afirma que construções são combinações aprendidas entre forma e sentido. Isso inclui palavras, idiomatismos e padrões sintagmáticos que variam de totalmente preenchidos a totalmente esquemáticos. Porém, não é qualquer combinação que pode ser considerada uma construção. A autora discorre que um padrão linguístico vai ser reconhecido como construção desde que seus aspectos relacionados à forma e à função não sejam previsíveis a partir dos seus constituintes.

A Linguística Baseada no Uso considera a frequência de uso como um fator de análise linguística. De acordo com Bybee (2010), a frequência de uso é o principal fator na cristalização e mudança das construções gramaticais. À medida que os falantes repetem uma construção, processos cognitivos como automatização fixam uma dada sequência como um padrão convencional ou a modificam, gerando novos pareamentos de forma-sentido. Bybee (2010) argumenta que as mudanças linguísticas são influenciadas devido às variações presentes nas construções. A linguagem, nessa perspectiva, é um sistema dinâmico, complexo e adaptativo: suas regularidades emergem probabilisticamente do uso, mas em graus distintos de estabilização. A metáfora da duna trazida em Bybee (2010) mostra que, assim como as dunas se remodelam sem perder sua essência no ambiente em que estão presentes, as estruturas linguísticas se transformam mantendo traços sistêmicos. A teoria apresentada defende que a gramática é *construída* a partir do uso real da língua.

Segundo Barlow e Kemmer (2000), a aquisição da linguagem se dá por meio de um mecanismo de aprendizado cognitivo de domínio geral, que também é usado para outras habilidades. Boyland (2013) complementa essa ideia, explicando que os sistemas de aprendizado baseados na experiência armazenam cada exemplo de fala, os quais são usados para analisar novas informações. Com o tempo, a análise se torna mais sofisticada, mas as regras continuam flexíveis e sensíveis a mudanças. Essa abordagem entende que a gramática é moldada pelo uso, de modo que os falantes absorvem, desde cedo, padrões mais gerais a partir de instâncias mais especificadas na experiência com a língua. Entende-se, associado a essas premissas, que é a partir de habilidades cognitivas de domínio geral e experiência linguística e não linguística que o falante adquire língua e acumula conhecimento linguístico ao longo da sua vida.

Em relação aos estudos multimodais, as pesquisas sobre a relação entre gesto e fala foram revolucionadas por pesquisadores como Adam Kendon e David McNeill. Eles demonstraram que esses dois elementos, longe de serem independentes, representam facetas distintas de um mesmo processo de elaboração do pensamento. Segundo a teoria de McNeill (1992), tanto o gesto quanto a fala se originam de uma unidade psicológica subjacente e unificada, que combina imagem mental e material linguístico. Adicionalmente, a abordagem pragmática desenvolvida por Adam Kendon para investigar as formas e os significados dos gestos permitiu, pela primeira vez, uma análise do gesto a partir de uma perspectiva linguística. Por isso, sua obra é vista como um pilar para a compreensão de como a linguagem pode emergir da própria movimentação corporal.

Afastando-se de uma concepção restrita que associa o gesto a tipos específicos de ação manual, Kendon (2004) conceitua os gestos como movimentos que carregam uma intenção expressiva. Ele argumenta que, em uma interação, os indivíduos podem identificar um gesto de forma imediata, baseando-se unicamente em suas características formais e dinâmicas, sem depender do discurso verbal. Isso se deve ao fato de que os gestos, referidos pelo autor como “ações corporais visíveis”, atuam como um meio para manifestar um significado.

De acordo com Fauconnier (1994), um dos dispositivos responsáveis pela conexão entre os gestos e a fala são os *construtores de espaços mentais*, que são expressões gramaticais capazes tanto de estabelecer um novo espaço mental quanto de direcionar a atenção para um já existente. Tais construtores incluem uma variedade de formas, como frases preposicionais, advérbios, conjunções, negação, etc. A partir da abordagem teórica dos Espaços Mentais, Fauconnier e Turner (2003) elaboraram a Teoria da Integração Conceptual (IC), que tem como uma de suas premissas centrais explicar os fundamentos cognitivos por trás do pensamento e das ações humanas.

A IC é considerada um processo cognitivo crucial para o aprendizado de padrões de movimentos corporais e de que até mesmo construções linguísticas simples dependem. Fauconnier e Turner (2003) definem a IC como uma operação básica que gera novos significados, visões globais e compressões conceituais vantajosas para a memória e para a manipulação de outras formas de significado. De acordo com Hoffman (2020), a integração conceptual (ou *mescla conceptual*) é o processo cognitivo de domínio geral que tem sido usado para explicar o comportamento humano em todos os domínios da cognição humana.

Esse processo permite combinar seletivamente dois ou mais espaços mentais para criar uma estrutura conceitual que frequentemente possui um significado novo e emergente. O autor argumenta que essa abordagem oferece uma explicação direta de como gestos e informações verbais podem ser integrados em uma única construção multimodal na memória de trabalho. Além disso, Hoffman argumenta que as construções multimodais devem, por definição, ter começado como pares criativos e espontâneos de gestos e linguagem em constructos. Somente depois disso, dependendo da frequência e de sua saliência, este pareamento poderia ser considerado como uma construção multimodal.

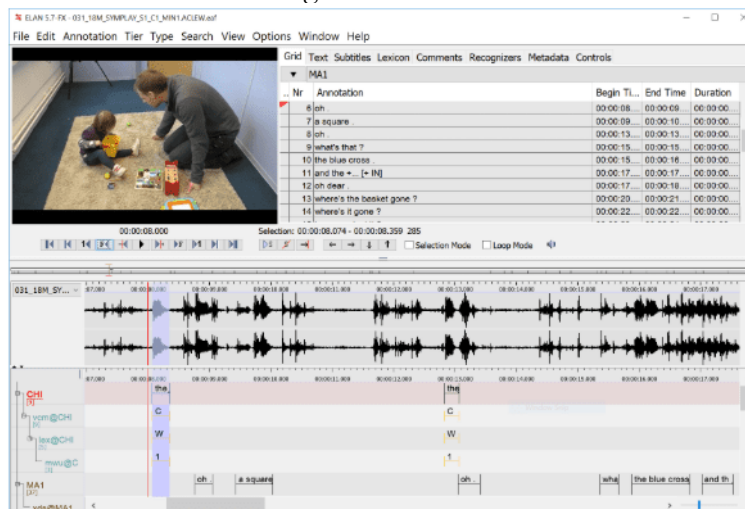
Tendo tudo isso em vista, passemos à apresentação da metodologia do presente estudo e, em seguida, à análise multimodal das construções *um monte de SN* e *um leque de SN*.

4. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, utilizaremos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual (SLAG), de Müller et al. (2013). O SLAG tem como base os Métodos de Análise Gestual e oferece uma forma de mapear sistematicamente as propriedades fundamentais da criação de sentido de um gesto com base em suas características formais através de quatro blocos de construção: a forma; a estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e a outros gestos; ao contexto do local de uso; e a distribuição do gesto em diferentes contextos de uso (Bressen, Ladewig e Müller, 2013. p1100). Nesta análise, utilizaremos apenas a forma, a posição sequencial e o contexto local de uso.

Para auxiliar a descrição e anotação dos dados formais, utilizaremos o software ELAN. O ELAN é um software computacional gratuito desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Com o ELAN, é possível armazenar um número ilimitado de anotações de vídeos e/ou áudios gravados, sejam anotações textuais, de áudios, etc. Além disso, o software possui diversas ferramentas que contribuem para uma otimização na análise dos dados, por exemplo, a função de criar diversas anotações em um único arquivo de mídia e sincronizar as anotações com o tempo exato da ocorrência no vídeo.

Imagem 3. Software *ELAN*



Fonte: The Language 0-5 project / The Language Archive. Licensed under CC BY 4.0

Os dados foram coletados através da plataforma *YouGlish*, que contém diversos vídeos do Youtube e possui uma ferramenta de busca através de textos. Optou-se por

coletar dados que ocorrem tanto face a face (duas pessoas se comunicando no mesmo local), como também de pessoas que estejam sozinhas em um dado ambiente. Seleccionamos, para cumprir os objetivos estabelecidos neste artigo, duas construções quantificadoras binominais, quais sejam: *um monte de SN* e *um leque de SN*. A escolha destas construções foi motivada pela intenção de se comparar construções que se opõem claramente em termos de frequência de uso, transparência metafórica e grau de variabilidade semântica dos SN com os quais se combinam. A análise das características de cada construção se deu com base nas seguintes generalizações (cf. Soares, a sair):

Tabela 1. Generalizações das construções

Construção	Tipo de quantificação	Exemplo
Um monte de SN	Multiplica um dado referente de forma indefinida, menos marcada, com maior restrição à referentes massivo-abstratos	“Ele me perguntou <i>um monte de coisas</i> e me disse que iria pensar se ia me dar aula ou não, porque ele queria saber se eu realmente estava interessado ou não.” (<i>Sketchengine</i>)
Um leque de SN	Multiplica um referente de forma indefinida, evocando variedade de seus subtipos	“Este estudo permite concluir que as questões relativas à saúde mental e ocupações entre os industriários são muito insipientes, apresentando um <i>leque de possibilidades</i> de investigações para implementação de ações que venham a promover e prevenir a saúde mental dos trabalhadores deste setor da economia brasileira.” (<i>Sketchengine</i>)

Fonte: Elaboração própria.

Considerando tais generalizações, observamos como os gestos sinalizam esses sentidos e que tipo de metáfora estaria envolvida na sua reprodução. Para isso, foi realizada uma marcação precisa do início ao fim do componente verbal da construção e das fases do gesto – preparação, núcleo e retração – para analisar a precisa coordenação temporal entre as modalidades. Em relação à forma dos gestos, analisaremos os seguintes aspectos:

- (i) Configuração das mãos: descrição da forma adotada pelas mãos durante o núcleo do gesto.
- (ii) Localização: posição do gesto no espaço gestual (central, periférico, etc.).
- (iii) Movimento: descrição da trajetória e da qualidade do movimento; por exemplo, movimento expansivo para fora.
- (iv) Uso das mãos: se o gesto é realizado com uma ou duas mãos.

A nossa hipótese é a de que a metáfora conceptual *MAIS É PRA CIMA* (Lakoff e Johnson, 1980) estará envolvida no processo de reprodução dos gestos de construções

que apresentem uma maior transparência, como ocorre em construções como *um leque de SN*; em contrapartida, esperamos que em construções como *um monte de SN* haja uma variedade maior dos gestos que ocorrem juntos à fala. Para a análise da função dos gestos, esses foram categorizados em três grupos com base em sua contribuição semântico-pragmática:

- (i) Gestos Icônicos: que representam visualmente a noção de quantidade, grandeza ou agrupamento;
- (ii) Gestos Metafóricos: que mapeiam o conceito abstrato de quantidade;
- (iii) Gestos Pragmáticos: que comentam sobre o enunciado ou a interação.

Cumpridas essas etapas, os dados foram analisados tanto de forma qualitativa quanto quantitativa. A análise qualitativa tem como objetivo compreender como o gesto contribui para o *construal* da cena, ou seja, para a forma como o falante estrutura e apresenta a noção de quantidade. A análise quantitativa busca identificar a frequência de co-ocorrência entre a construção verbal e os tipos de gestos, permitindo-nos estabelecer quais são os pareamentos gesto-fala mais recorrentes e, portanto, mais entrincheirados.

5. ANÁLISE DE DADOS

A comparação entre as construções *um monte de SN* e *um leque de SN* evidencia distintos graus de integração entre o gesto e a fala, os quais se relacionam diretamente ao nível da transparência metafórica e ao tipo de motivação imagética que cada construção apresenta. Ambas as construções realizam a função semântico-discursiva de quantificação de grande quantidade, mas o modo como o gesto se articula à fala reflete diferenças na estrutura cognitiva. A análise quali-quantitativa dos dados demonstra diferenças sistemáticas entre as construções em relação à forma gestual, quanto ao tipo de gesto predominante e ao grau de representação associado.

Em relação aos dados quantitativos, foram observadas 12 ocorrências da construção de *um leque de SN* e 20 ocorrências da construção de *um monte de SN*.

Tabela 2. Análise quantitativa

Construção	N. de Dados	Gestos Icônicos	Gestos Metafóricos	Gestos Pragmáticos	Tipo de gesto predominante	Uso das duas mãos	Configuração Padrão das mãos
Um leque de SN	12	1	11	0	Metafórico	10	Palmas voltadas para cima ou fora, movimento de abertura

							do centro para cima seguindo para as laterais.
Um monte de SN	20	15	0	5	Icônico	17	Movimento circular para fora ou movimento das mãos para as laterais.

Fonte: Elaboração própria.

Analisando os dados, a construção *um leque de SN* apresenta um forte padrão gestual: majoritariamente as ocorrências envolvem gestos metafóricos de expansão para o espaço lateral, frequentemente com duas mãos e movimento crescente partindo do centro do corpo.

Imagem 4. Exemplo de uso da construção *um leque de SN*.



Fonte: Imagem extraída de MÁGICOS, 2019, Youtube, 2 minutos e 05 segundos. Edição nossa.

Observando a imagem 4, identificamos que a gesticulação encontrada nos dados da construção apresenta-se da seguinte maneira: as mãos se reúnem no centro do espaço gestual e abrem para as laterais, compondo uma cena imagética de abertura de um leque. Essa regularidade sugere um alto grau de atração para a construção, indicando que a associação entre essa forma gestual e o significado invocado pela construção está altamente convencionalizada na *construção* dos falantes. Em *um leque de SN*, o gesto funciona como um mapeamento metafórico visual em que aparenta existir uma mescla de metáforas em que MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980) e AMPLITUDE É ABERTURA LATERAL. Nesse sentido, o movimento expansivo das mãos espelha a

estrutura física do objeto “leque”, cuja abertura apresenta a metáfora AMPLITUDE É ABERTURA LATERAL - a partir da qual a variedade de elementos é ampliada. Como podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 5. Representação imagética da construção *um leque de SN*.



Fonte: Imagem superior extraída de #TôNoSesc: Amanda e o empoderamento do outro lado do balcão, 2025, Youtube, 39 segundos. Imagem inferior extraída do google imagens. Edição nossa.

Esse movimento apresenta uma iconicidade imagética clara, sustentada por uma integração conceitual entre os espaços mentais da forma verbal e do gesto (Fauconnier e Tunner, 2004). Esse pareamento multimodal reflete uma construção metaforicamente motivada, o que reforça a nossa hipótese de que a transparência metafórica favorece a padronização gestual. Por outro lado, a construção *um monte de SN* demonstra uma maior variabilidade gestual. Apesar dos dados apontarem um maior registro para os gestos classificados como icônicos, há também registros de gestos pragmáticos, como movimentos neutros ou de ênfase discursiva. A diversidade na trajetória do movimento (circular, angular, frontal ou lateral) e na configuração das mãos revela um menor grau de padronização.

Imagem 6. Diferentes usos gestuais da construção *um monte de SN*

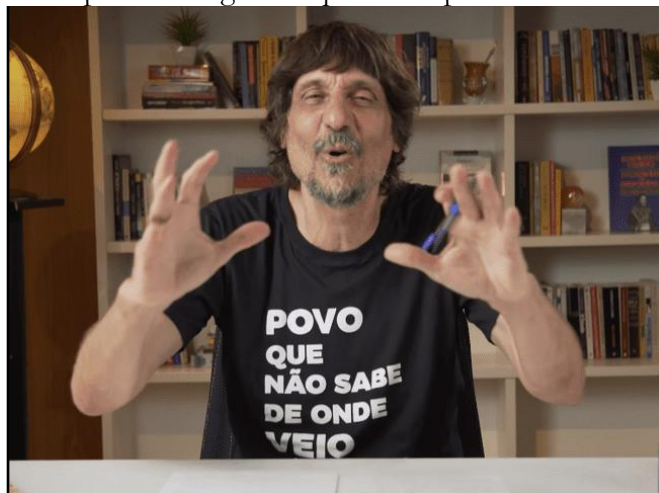


Fonte: Imagens extraídas de TEDxSP 2009 - Ana Paula Giorgi, 2009; Pano Social: Moda Pra Mudar a Realidade de Detentos no Brasil, 2019; Nosso tesouro nós sabemos onde está, 2021, Youtube. Edição nossa.

Acreditamos que essa variação nas configurações de mãos e nos movimentos que a construção de *um monte de SN* apresenta está ligada à opacidade metafórica do elemento lexical monte como quantificador. As diferenças quantitativas observadas entre as duas construções também refletem em distintos graus de sua motivação gestual.

Na construção *um monte de SN*, os gestos, embora frequentemente icônicos com o sentido de demonstrar grandeza e quantidade, não apresentam uma uniformidade formal. Muitos deles são movimentos circulares ou frontais que variam entre pouca amplitude ou muita amplitude, que não representam diretamente a imagem de um monte, mas sinalizam discursivamente o foco intencional da fala. Os gestos coocorrentes apresentam uma redução metafórica, o movimento dos gestos não remete diretamente à acumulação vertical característica da metáfora MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980).

Imagem 7. Exemplo de uso gestual que não representa acumulação vertical.



Fonte: Imagens extraídas de Como se articula um golpe – EDUARDO BUENO, Youtube, 2022, 49 segundos.

Desse modo, os gestos atuam de modo esquemático e pragmático, apresentando uma inferência de um marcador discursivo e de uma ênfase discursiva. Conforme

descrito por Brodbeck (2010) e Alonso e Fumaux (2019), a construção *um monte de SN* resulta de um processo de gramaticalização em que o elemento lexical *monte* perde parte de sua motivação imagética original, conservando apenas traços abstratos de acúmulo e quantidade. Essa opacidade metafórica repercute diretamente na expressão gestual: o gesto não busca representar o referente metafórico, mas sinalizar a intensidade semântica do quantificador.

Desse modo, a comparação através dos resultados da análise quali-quantitativa evidencia uma correlação entre grau de transparência metafórica e o tipo de gesto produzido. Em *um leque de SN*, a metáfora MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980) e AMPLITUDE É ABERTURA LATERAL encontram uma expressão gestual mais icônica e motivada. Já em *um monte de SN*, a metáfora de verticalidade é preservada apenas em nível conceitual, não necessariamente é mapeada gestualmente. O gesto, portanto, torna-se mais convencional e menos imagético, sinalizando um processo de entrincheiramento, no qual a combinação entre fala e gesto se estabiliza por uso frequente, mas com perda de expressividade imagética.

Em termos construcionistas, pode-se afirmar, em um primeiro momento, que ambas configuram construções multimodais de quantificação de grande quantidade, mas em estágios distintos de esquematização. Enquanto a construção *um leque de SN* permanece fortemente ancorada em sua base metafórica e icônica, *um monte de SN* demonstra um avanço no *continuum* da gramaticalização multimodal, aproximando-se de uma função mais discursiva.

Cada construção observada constitui um pareamento multimodal de forma e significado (Hoffman, 2020; 2023). Assumindo a proposta de construção multimodal do autor e aplicando-a às duas construções binomiais quantificadoras selecionadas neste estudo, podemos postular o seguinte esquema:

Tabela 3. Proposta de construção multimodal

<i>Um leque de SN</i>	<i>Um monte de SN</i>
Forma:	Forma:
Verbal: [um leque de SN]	Verbal: [um monte de SN]
Gestual: [Gestos de abertura de mãos para as laterais; metaforicamente motivados]	Gestual: [Gestos pouco icônicos, com amplitude vertical, mas não metaforicamente motivado]
↔	↔
Sentido: Quantificação de elementos variados do mesmo tipo.	Sentido: Quantificação de inúmeros elementos.

Fonte: Elaboração própria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados quali-quantitativos corroboram nossa hipótese inicial de que construções metaforicamente mais transparentes tendem a motivar gestos mais icônicos e regulares, ao passo que construções mais opacas produzem gestos mais variáveis e

esquemáticos. Isso revela a natureza gradiente e dinâmica da integração entre a linguagem verbal e o gesto no *construction* multimodal das construções binominais quantificadoras do português brasileiro. A Gramática de Construções Multimodal é uma perspectiva cunhada muito recentemente e, dessa forma, trabalhos na área contribuem fortemente para seu desenvolvimento e consolidação.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. S. B. *Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: Uma abordagem baseada no uso*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- ALONSO, K.; FUMAUX, C. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 214-237, 2019.
- ALONSO, K.; LEITE DE OLIVEIRA, D; FUMAUX, N. Construções binominais quantitativas em perspectiva distintiva. *Revista Odiseia*, [S. l.], v. 4, n. esp., 2019, p. 173-193. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2435.2019v4nesp.id18659>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- BARLOW M., KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BARSALOU, Lawrence W. 1999. *Perceptual symbol systems*. Behavioural and Brain Sciences 22: 577–660. Barsalou, Lawrence W. 2008. Grounded cognition. Annual Review of Psychology 59: 617–645.
- BARSALOU, Lawrence W. 2008. *Grounded cognition*. Annual Review of Psychology 59: 617–645.
- BOYLAND, J. T. *Usage-based models of language*. In: Experimental and Quantitative Linguistics, David Eddington (ed.), 351–419. Munich: Lincom, 2013.
- BRESSEN, Jana; LADEWIG, Silva; MÜLLER, Cornelia. *Linguistic Annotation System for Gestures*. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Orgs.). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 1098–1124.
- BRODBECK, R. C. M. S. *Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

- CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.
- ELAN (Version 7.0) [Computer software]. (2025). *Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics*, The Language Archive. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994
- FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. *Conceptual blending: form and meaning*. *Rechercher en communication*, n. 19, 2003.
- FUMAUX, N. C. *Um monte de quantificadores: Uma análise colostrucional da construção quantificadora Um(a) N1 de N2*, 2022. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Explain me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton. NJ: Princeton University Press, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1515/9780691183954>. 2019
- HOFFMANN, Thomas. *Multimodal constructs - multimodal constructions? The role of constructions in the working memory*. *Linguistics Vanguard*, v. 3, n. s1, p. 1-10, 2017.
- HOFFMANN, Thomas. *Multimodal construction grammar: from multimodal constructs to multimodal constructions*. In: DANCYGIER, Barbara (ed.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 78-92.
- HOSTETTER, Autumn B, ALIBALI, Martha W. *On the Tip of the Mind: Gesture as a Key to Conceptualization*. In: Danielle S. McNamara and J. Gregory Trafton (eds.), *Proceedings of the 26th Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, 1097-1102. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2004.
- KENDON, Adam. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEITE DE OLIVEIRA, D; ALONSO, K. *Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*. SP: Pimenta Cultural, 2024.
- MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MCNEIL, David. *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought*. Chicago: Chicago University Press, 1992.

MÜLLER, Cornelia. *Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures*. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL,

David & TEBENDORF, Sedinha (Orgs.). *Body – Language - Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Volume 1*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 202-217.

STEEN, Francis; TURNER, Mark. Multimodal construction grammar. In: BORKENT, Michael; DANCYGIER, Barbara; HINNELL, Jennifer (eds.). *Language and the Creative Mind*. Stanford: CSLI Publications, 2013. p. 255-274.

TALMY, L. Grammatical construal: the relation of grammar to cognition. In: GEERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

Recebido em: 09/11/2025

Aprovado em: 27/11/2025

Publicado em: 08/01/2026